

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

KAROLINE DOMINGUES DA CUNHA LARROZA

**COMO EXERCÍCIOS DE REESCRITA APARECEM NOS LIVROS DIDÁTICOS DE
LÍNGUA PORTUGUESA NO QUE DIZ RESPEITO À VARIAÇÃO LINGUÍSTICA**

**Bagé
2017**

KAROLINE DOMINGUES DA CUNHA LARROZA

**COMO EXERCÍCIOS DE REESCRITA APARECEM NOS LIVROS DIDÁTICOS DE
LÍNGUA PORTUGUESA NO QUE DIZ RESPEITO À VARIAÇÃO LINGUÍSTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Português/Espanhol e Respectivas Literaturas, da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Taíse Simioni

**Bagé
2017**

L111c Larroza, Karoline Domingues da Cunha

COMO EXERCÍCIOS DE REESCRITA APARECEM NOS LIVROS DIDÁTICOS
DE LÍNGUA PORTUGUESA NO QUE DIZ RESPEITO À VARIAÇÃO
LINGUÍSTICA / Karoline Domingues da Cunha Larroza.

48 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -- Universidade
Federal do Pampa, LETRAS - HABILITAÇÃO PORTUGUÊS/ESPANHOL E
RESPECTIVAS LITERATURAS, 2017.

"Orientação: Taíse Simioni".

1. Exercícios de reescrita. 2. Variação linguística. I.
Título.

KAROLINE DOMINGUES DA CUNHA LARROZA

**COMO EXERCÍCIOS DE REESCRITA APARECEM NOS LIVROS DIDÁTICOS DE
LÍNGUA PORTUGUESA NO QUE DIZ RESPEITO À VARIAÇÃO LINGUÍSTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Português/Espanhol e respectivas literaturas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 28/06/2017

Banca examinadora:

Prof^a Dr^a. Taíse Simioni
Orientadora
UNIPAMPA

Prof. Me. Adriano Souza
UNIPAMPA

Prof. Me. César Augusto González
Instituto Federal Farroupilha

Dedico este trabalho a todos que fizeram parte do caminho trilhado até aqui. Aos que estão presentes fisicamente e aos que estão na lembrança e no coração.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus pelo dom da vida, por me manter saudável e com vitalidade para seguir em frente.

Agradeço à Unipampa, pela oportunidade de concretizar um sonho.

Agradeço à minha orientadora Taíse, por ter desempenhado seu papel com maestria, pelo total apoio, por aguentar todas minhas crises e dramas e por ter me dado a certeza de que fiz a escolha certa.

Agradeço à minha mãe Viviane pelas suas tempestades, que me fizeram fortes. Por todos os conselhos, os puxões de orelha e o apoio incondicional.

Agradeço ao meu pai Ivo e sua calma, que me fizeram saber que eu sempre terei um porto seguro para onde correr.

Agradeço à minha família, que, independente dos problemas, se mantém unida, forte e feliz, e que esteve do meu lado em todos os momentos.

Agradeço ao meu namorado Vinicius que esteve do meu lado nesse último ano me apoiando e segurando a minha mão em todos os momentos que eu caí, e que, nesse período tão difícil, me concedeu a dádiva de ganhar uma segunda família que também esteve comigo nesses momentos.

Agradeço ao meu amigo Dilnei por ter sido esse irmão que a vida trouxe e que, desde o primeiro momento dentro do Ginásio do São Pedro, foi e tem sido meu suporte nessa caminhada, e por ter dividido comigo desde os sorrisos de alegria e até as lágrimas de tristeza.

Agradeço a Taísa, Thaís B., Thaís R., Luciana, Melina e Dianifer pela amizade linda que, mesmo com a distância, continua forte.

Agradeço ao meu amigo Diego por entender todas as vezes que não pude encontrá-lo e por ter sido meu ombro quando eu precisei chorar.

Agradeço à minha amiga Cristielen por ser parte do meu trevo da sorte.

Agradeço à minha amiga Camila por ser o meu ponto de paz.

Agradeço às minhas amigas Nágila e Yanka por terem se tornado tão importantes nessa caminhada.

Agradeço aos meus amigos Cereza e Queroga por, mesmo de longe, me ajudarem e torcerem pelo meu sucesso.

Agradeço aos meus amigos Nathália A., Érico, Otávio e Augusto por cada mate, cada risada, cada abraço que me fizeram seguir firme e com o sorriso no rosto.

Agradeço à família Blackout que sempre entendeu quando eu precisei falhar, e sempre estiveram de braços abertos para me receber.

Agradeço ao grupo Gurizadinha por cada janta feita, por cada momento compartilhado e por cada quarta maluca.

Agradeço aos amigos que as raves me trouxeram e que foram minha alegria em momentos de tristeza.

Agradeço aos companheiros da Óptica Bagé, pela ajuda e compreensão ao longo dessa jornada.

Agradeço a todas as pessoas que cruzaram meu caminho nesse percurso, e que de uma maneira ou outra me ajudaram a chegar onde estou. Sem vocês essa conquista se tornaria muito mais difícil e cheia de percalços.

Agradeço também àqueles que passaram pela minha caminhada para me ensinar a não ser como eles. Isso me tornou alguém melhor.

Agradeço ao meu avô Ivo e ao meu amigo Breno, que mesmo distantes fisicamente estarão sempre vivos no meu coração. Sei que, de onde vocês estiverem, estão torcendo e vibrando por mim.

Não foi fácil chegar aqui, mas o aprendizado vale a pena. Levo todos no meu coração, e jamais esquecerei o que cada um significa pra mim.

“A diferença é o que faz diferença”.

Lair Ribeiro

RESUMO

O presente trabalho pretende focar em exercícios de reescrita. Para isso, pretendemos mostrar como esses exercícios de reescrita aparecem em livros didáticos no que se refere à variação linguística. No que diz respeito à fundamentação teórica do trabalho, explicamos brevemente o que é sociolinguística, pedagogia da variação linguística, também fazemos um breve histórico sobre livros didáticos e falamos sobre os exercícios de reescrita. Nossa pesquisa consiste em analisar quatro livros didáticos de sétimo ano (antiga sexta série) de português e observar se esses livros contêm exercícios de reescrita no âmbito da variação linguística e como são apresentados. A partir dessa análise respondemos a três perguntas que nortearam nosso trabalho, que são: (A) os livros didáticos apresentam exercícios de reescrita e como se dá a abordagem dos mesmos? (B) entre os livros didáticos analisados houve alguma mudança de um período (2002) para o outro (2012) no que diz respeito aos exercícios de reescrita? e (C) de que maneira é possível abordar a temática da reescrita para que haja a quebra de preconceitos linguísticos? Os resultados para a questão (A) mostram que os livros didáticos apresentam exercícios de reescrita, porém nenhum deles nos moldes que esperávamos encontrar; para a questão (B) é possível verificarmos mudanças pouco significativas entre os livros mais antigos e mais novos; e para a questão (C) trazemos uma proposta de atividade que trabalha com os diferentes usos da língua e também ajuda na quebra de preconceitos linguísticos. Concluimos que, em vista ao que esperávamos encontrar, houve avanços no que diz respeito a esses exercícios. Todavia ainda há muito a ser percorrido.

Palavras-Chave: Sociolinguística, variação, reescrita, preconceito linguístico.

RESUMEN

Este trabajo pretende centrarse en los ejercicios de reescritura. Para eso, pretendemos mostrar cómo estos ejercicios de reescritura aparecen en los libros de texto lo que se refiere a la variación lingüística. Explicaremos brevemente qué es la sociolingüística, la pedagogía de la variación lingüística, también haremos una breve historia de los libros de texto y hablaremos sobre los ejercicios de reescritura. Nuestra investigación consiste en analizar cuatro libros de texto de séptimo año (antiguo sexto grado) de portugués y observar si estos libros contienen ejercicios de reescritura en el contexto de la variación lingüística y cómo se presentan. De este análisis respondemos a tres preguntas que guiaron nuestro trabajo, que son: (A) los libros de texto presentan ejercicios de reescritura y ¿cómo es la abordaje de los mismos? (B) entre los libros de texto estudiados ¿hubo algún cambio de un período (2002) al otro (2012) en cuanto a los ejercicios de reescritura? y (C) ¿Cómo es posible abordar la temática de la reescritura para que haya un desglose de los prejuicios lingüísticos? Los resultados de la pregunta (A) muestran que los libros de texto tienen ejercicios de reescritura, pero ninguno de ellos en los moldes que esperábamos encontrar; para el tema (B) es posible comprobar cambios poco significativos entre los libros más antiguos y los más nuevos; y a la pregunta (C) traemos una propuesta de actividad que trabaja con los diferentes usos de la lengua y también ayuda el desglose de los prejuicios lingüísticos. Concluimos que, habida cuenta de lo que esperábamos encontrar, hubo avances en relación con estos ejercicios. Sin embargo, aún queda mucho por recorrer.

Palabras clave: sociolingüística, variación, reescritura, prejuicio lingüístico.

LISTA DE FIGURAS

Imagem 1 - Formato de exercício de reescrita esperado para os livros didáticos pesquisados	15
Imagem 2 - Exemplo de uma forma de tratamento da variação linguística apresentada no livro didático	31
Imagem 3 - Exemplo de exercício de reescrita do livro (1)	33
Imagem 4 - Exemplo de exercício de reescrita do livro (2)	34
Imagem 5 - Exemplo de exercício de reescrita do livro (3)	34
Imagem 6 - Exemplo de exercício de reescrita do livro (4)	35
Imagem 7 - Exemplo de exercício recorrente no livro (1)	36
Imagem 8 - Exemplo de exercício recorrente no livro (2)	36
Imagem 9 - Exemplo de exercício do livro (3)	37
Imagem 10 - Exemplo de exercício do livro (4)	37
Imagem 11 - Produção textual do livro (3)	38
Imagem 12 - Produção textual do livro (4)	39
Imagem 13 - Orientação dada ao professor no livro (4)	40
Imagem 14 – Sugestão de abordagem.....	41

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PNLD – Programa Nacional do Livro Didático

MEC – Ministério da Educação

FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 CONCEITOS GERAIS E REVISÃO DA LITERATURA	18
2.1 Sociolinguística	18
2.2 Pedagogia da variação linguística	19
2.3 Livro didático	22
2.4 Reescrita	26
3 METODOLOGIA	29
4 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA E ANÁLISE DOS RESULTADOS	31
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	46
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES	48

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como tema mostrar como exercícios de reescrita no âmbito da variação linguística aparecem nos livros didáticos de língua portuguesa e também pretende trazer alternativas que possam enriquecer a abordagem da temática. Bagno (2007, p. 123) faz forte crítica à forma como é abordada a reescrita em grande parte dos livros didáticos, dizendo:

somos obrigados a criticar e a desaprovar outra prática muito freqüente nos livros didáticos: a de propor uma atividade de reescrita da fala de Chico Bento, do samba de Adoniran ou do poema de Patativa, pedindo que o aluno “passe para a norma culta”. Em primeiro lugar, a gente já viu que a expressão “norma culta” é ambígua e problemática. Mas o maior problema não está aí...

Se o Chico Bento passar a falar “segundo a norma culta”, ele simplesmente deixa de ser o Chico Bento! A graça do personagem está precisamente no seu linguajar, na sua visão de mundo característica da cultura rural, no seu apreço pela vida do campo, entre outros aspectos. Se existisse algum trabalho pedagógico interessante a ser feito com o Chico Bento, é precisamente o de valorizar as diferenças socioculturais que o personagem tenta encarnar.

É importante salientar aqui que analisaremos exercícios de reescrita no geral, mas que nossa pesquisa tem como foco principal exercícios que pedem para que o texto seja passado para norma padrão/culta sem levar em consideração o contexto em que foi escrito.

Imagem 1: Formato de exercício de reescrita esperado para os livros didáticos pesquisados¹

5. Leia o texto retirado do Facebook de uma adolescente e responda as perguntas:

¹ É trazido esse exemplo que não foi retirado do livro didático pois não encontramos nenhum exercício nesses moldes como será detalhado adiante.



- A linguagem deste texto é considerada culta ou coloquial?
- Por que o autor desta mensagem escreveu para o colega usando essa escrita?
- Essa escrita pode ser usada nos trabalhos escolares? Por quê?
- Essa escrita atrapalhou o seu entendimento do texto?
- Reescreva essa mesma mensagem usando a norma culta da língua.

Fonte: <http://professorjeanrodrigues.blogspot.com.br/2012/05/atividade-de-portugues-sobre-variacao.html>

Através do exemplo, conseguimos visualizar com clareza qual é o tipo de exercício que esperávamos encontrar nos livros didáticos: “reescreva essa mesma mensagem usando a norma culta da língua”, que se torna inadequado por não levar em consideração o contexto em que o texto foi escrito, além de fazer o aluno acreditar que as variedades não padrões são formas erradas e que não podem ser utilizadas.

O objetivo geral da pesquisa é analisar como exercícios de reescrita aparecem nos livros didáticos de língua portuguesa no que se refere à variação linguística. Como objetivos específicos, a pesquisa pretende mostrar se os livros contêm exercícios de reescrita; se a afirmativa for verdadeira, verificar como esses exercícios aparecem; mostrar se houve mudanças no decorrer dos anos e, caso tenham ocorrido, como se deram essas mudanças; e propor alternativas sobre como o tema pode ser trabalhado.

A pesquisa se torna relevante por mostrar a importância de se trabalhar variação linguística. Ao focar na temática da reescrita, mostra que a mesma pode contribuir para a quebra de preconceitos linguísticos e não apenas para fazer com que o aluno receba a informação e reproduza-a, desconsiderando todo o contexto social do texto. Mostra que a língua é heterogênea e que vai muito além do âmbito escolar. Pode incentivar

professores a procurarem uma melhor formação para tratar com mais propriedade sobre o assunto. Faz com que o aluno veja que numa única língua existem várias formas de se comunicar e a comunidade em geral perceba que aspectos linguísticos e sociais andam juntos.

Sendo assim, a seguir veremos a fundamentação teórica que torna a pesquisa possível.

2 CONCEITOS GERAIS E REVISÃO DE LITERATURA

Na fundamentação teórica, veremos partes fundamentais para o entendimento da pesquisa, dentre elas noções básicas do que é a sociolinguística, pedagogia da variação linguística, questões que dizem respeito aos livros didáticos e por fim o trabalho de reescrita.

2.1 Sociolinguística

Sociolinguística é uma vertente da linguística que trabalha a relação existente entre língua e sociedade. Ao nos comunicarmos, conseguimos perceber que a língua é heterogênea. Tarallo (2007) menciona que a língua é aparentemente caótica e que precisamos processar, analisar e sistematizar esse universo. Se a heterogeneidade da língua não pudesse ser sistematizada, como os membros de uma comunidade se entenderiam?

Para entendermos melhor a sociolinguística, vamos nos situar sobre alguns fatos importantes dentro do tema e também sobre alguns conceitos. Ao lermos o texto de Tarallo (2007), diversas vezes nos deparamos com o nome mais importante dentro dos estudos sociolinguísticos. William Labov foi peça principal na área da Sociolinguística ao criar a Teoria da Variação ou Sociolinguística Variacionista, no ano de 1963, quando realizou um estudo na Ilha de Martha's Vineyard em Massachusetts, em que mostrou a importância de fatores sociais para a variação linguística, exaltando o uso real da língua dentro das comunidades. A partir desse estudo, Labov conclui que, na língua, existem inúmeras variantes e variáveis linguísticas.

Os conceitos dessas variantes e variáveis linguísticas nos darão um norte sobre como se dá a sistematização citada por Tarallo. Tarallo (2007) diz que variantes linguísticas são várias formas de se dizer “a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade” (p. 8) e variável linguística é o conjunto de duas ou mais variantes linguísticas. Como exemplo, podemos citar a marcação de plural do sintagma nominal no português do Brasil, onde temos duas variantes possíveis: uso de S ou zero (que seria a não realização do S). O falante que utiliza a variante S em todos os elementos do sintagma (Ex.: *As casas bonitas*) utiliza a variante padrão do português, e o que menos utiliza o S (Ex.: *As casaØ bonitaØ*) faz uso da variante não padrão.

Para que haja a sistematização do exemplo apresentado e também de vários outros, podemos nos basear em Tarallo (2007) que diz, entre outros itens, que precisamos analisar os fatores condicionadores de uso de uma variante sobre a outra, que são os fatores linguísticos e também os fatores sociais para o uso das variantes. Se fizermos uma análise com esses dados, o aparente caos desaparecerá e a língua se tornará sistematizada.

Observando esses fatores, conseguimos perceber nitidamente a influência que os fatores sociais exercem na língua, reafirmando Mollica (2008) que diz que as escolhas de uso são influenciadas não só por fatores estruturais como também sociais. Segundo Mollica (2008), fatores estruturais são “os fatores de natureza fono-morfo-sintáticos, os semânticos, os discursivos e os lexicais” (p. 11). Em resumo, fatores estruturais são aqueles internos à língua. Como exemplo podemos citar a variável saliência fônica, trabalhada por Monguilhot (2015) que explica que “formas mais salientes tendem a ser mais marcadas do que as menos salientes” (p. 64). Aplicando isso ao exemplo citado por Mollica, podemos dizer que o falante tem uma tendência a não utilizar a variante S em todos os elementos do sintagma “*as casas bonitas*” pois sua forma pluralizada é pouco saliente comparada a sua forma singular. É preciso salientar aqui que Monguilhot (2015) trabalha com concordância verbal em sua pesquisa, e não concordância nominal como no exemplo apresentado, mas a saliência fônica influencia tanto um quanto o outro. Ainda citando Mollica (2008), fatores sociais são “os fatores inerentes ao indivíduo (como etnia e sexo), os propriamente sociais (como escolarização, nível de renda, profissão e classe social) e os contextuais (como grau de formalidade e tensão discursiva)” (p. 11). Podemos dizer que os fatores sociais são fatores externos à língua. No exemplo “*As casaØ bonitaØ*” podemos pressupor que o falante utilizou menos marcas de plural em decorrência da pouca escolaridade, que é um fator social, uma vez que a ausência da utilização da variante S em algum elemento do sintagma é estigmatizada.

2.2 Pedagogia da variação linguística²

Sabemos que, no ensino de Língua Portuguesa, temos a variedade prestigiada, que é conhecida por norma padrão/culta.³ Todas as outras variedades são formas

² Usamos aqui pedagogia da variação linguística por ser um termo mais amplo em relação a outras denominações como, por exemplo, sociolinguística educacional.

³ O conceito sobre norma padrão/culta será analisado adiante.

estigmatizadas, não cultas, “erradas”. A partir do que nos dizem Görski e Coelho (2009), a língua, no que diz respeito ao ensino, ainda é vista como um sistema homogêneo, e as atividades “costumam ser basicamente classificatórias, desvinculadas do uso real da língua, regidas pelas noções de ‘certo’ e ‘errado’ ” (p. 74). Segundo Dionisio (2005), existem perspectivas diferenciadas no tratamento da língua e há pelo menos duas visões contrastantes: para alguns a língua portuguesa está sendo massacrada e exterminada e para outros “as mudanças ocorridas na língua portuguesa falada e escrita no Brasil resultam de fenômenos linguísticos naturais e peculiares a qualquer língua viva” (p. 75). Para quebrar esses preconceitos existentes na língua, o Ministério da Educação, através dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 82), diz que:

Frente aos fenômenos da variação, não basta somente uma mudança de atitudes; a escola precisa cuidar para que não se reproduza em seu espaço a discriminação linguística. Desse modo, não pode tratar as variedades linguísticas que mais se afastam dos padrões estabelecidos pela gramática tradicional e das formas diferentes daquelas que se fixaram na escrita como se fossem desvios ou incorreções. E não apenas por uma questão metodológica: é enorme a gama de variação e, em função dos usos e das mesclas constantes, não é tarefa simples dizer qual é a forma padrão (efetivamente, os padrões também são variados e dependem das situações de uso). Além disso, os padrões próprios da tradição escrita não são os mesmos que os padrões de uso oral, ainda que haja situações de fala orientadas pela escrita.

Em sala de aula, nos deparamos com as mais diversas variedades existentes na língua, e não podemos tratar com diferença aquele que fala/escreve de maneira mais distanciada da norma culta. Todavia, os termos norma culta e norma padrão causam confusão na comunidade em geral, principalmente entre estudantes. Para entendermos melhor isso, vamos verificar a definição de cada um segundo Faraco (2008). Norma padrão “é uma codificação relativamente abstrata, uma baliza extraída do uso real para servir de referência, em sociedades marcadas por acentuada dialeção, a projetos políticos de uniformização linguística” (p. 75). Já a norma culta “designa o conjunto de fenômenos linguísticos que ocorrem habitualmente no uso dos falantes letrados em situações mais monitoradas de fala e escrita”. (p. 73). Grosso modo, poderíamos dizer que a norma padrão é uma forma idealizada da língua, uma utopia. E a norma culta é a forma mais prestigiada de uso, que mais se assemelha à norma padrão. Porém, é importante salientarmos, ainda baseados no que diz Faraco (2008), que essa norma não

é a mais prestigiada por questões gramaticais e sim por um alto valor sociocultural agregado a ela, exatamente por ser a norma que habitualmente é usada entre falantes letrados. Tais valores fazem os falantes acreditarem que a norma culta seria a própria língua. Por isso a estigmatização de todas as outras variedades, que chegam a ser consideradas “deturpações, corrupções, degradações da língua verdadeira” (p. 73). Porém, até mesmo aqueles que utilizam a norma culta podem utilizar outras variedades, dependendo da situação de uso, como nos mostram Görski e Coelho (2009):

Em contextos socioculturais que exigem maior formalidade, usamos uma linguagem mais cuidada e elaborada – o registro formal; em situações familiares e informais, usamos uma linguagem coloquial – o registro informal. Mas, o que observamos na prática é que as situações cotidianas de interação são permeadas por diferentes graus de formalidade, mais do que por uma oposição polarizada.

Quer dizer que mesmo os mais letrados podem utilizar-se de variedades informais na hora de se comunicarem, pois esses usos dependem da situação de comunicação que está sendo imposta. Podemos constatar isso na fala de Bortoni-Ricardo (2005, p. 40) ao dizer que “Nos diversos domínios sociais, inclusive na sala de aula, as atividades próprias de oralidade são conduzidas em variedades informais da língua”. Ainda falando sobre essas situações de uso, podemos nos basear em Bortoni-Ricardo (2004) ao falar sobre os três contínuos dentro do português brasileiro: contínuo de urbanização, onde em uma ponta encontramos os falares rurais e na outra ponta os falares urbanos; contínuo de oralidade-letramento, onde numa ponta encontramos as “culturas de letramento” (p. 61) e na outra ponta encontramos a “cultura de oralidade” (p. 61); e o contínuo de monitoração estilística, onde numa ponta estão situadas as situações não monitoradas de fala e na outra ponta estão as situações monitoradas de fala.

A partir desses conceitos, é possível ter mais clareza do que é a língua, e de como é importante tratarmos a variação linguística de maneira apropriada. Quando o aluno chega à sala de aula, ele traz toda uma bagagem de vida que não pode ser simplesmente ignorada. O aluno já sabe falar o português, e cabe ao professor não tratar com preconceito as diferenças linguísticas que possam surgir. Apropriando-nos da fala de Cyranka (2015, p. 35):

O que cabe ao professor é, simplesmente, considerando as experiências reais de seus alunos quanto ao uso da língua portuguesa, considerando a variedade linguística que eles utilizam e sua capacidade de nela se expressarem, conduzi-los nas atividades pedagógicas de ampliação de sua competência comunicativa.

O campo da sociolinguística educacional vem exatamente com esse intuito de fazer com que os aspectos extrínsecos à língua do aluno sejam levados em consideração. Segundo Cyranka (2016, p. 169):

A Sociolinguística Educacional propõe que se leve para as salas de aula a discussão sobre a variação linguística, orientando os alunos a reconhecerem as diferenças dialetais e, mais importante, a compreenderem que essas diferenças são normais, legítimas e que devem ser consideradas na seleção das estruturas a serem realizadas, a depender das condições de produção.

Em resumo, é importante fazer o aluno ampliar suas competências comunicativas para que o mesmo não se torne apenas um receptor e repetidor de informações, e sim um indivíduo formador de opinião.

2.3 Livro didático

O livro didático nos dias atuais tem sido a principal ferramenta metodológica usada pelos professores dentro da sala de aula. Mas a elaboração do mesmo não é tarefa fácil. Segundo Lima (2014), “A utilização de uma linguagem acessível ao público-alvo, a heterogeneidade de fontes de informação e o equilíbrio entre as partes da obra são apenas alguns exemplos dos desafios enfrentados por quem elabora livros didáticos” (p. 116). Sabemos que vários fatores precisam ser levados em consideração na hora de elaborar o livro didático, e, ainda nos baseando em Lima (2014), é possível verificarmos que o mesmo cita três parâmetros indicados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) que são essenciais para tal elaboração: interdisciplinaridade, que seria minimizar as barreiras existentes entre as disciplinas que fazem parte do livro didático; cidadania, que seria citar os aspectos sociais, fazendo com que o aluno se veja como cidadão que tem direitos, deveres e responsabilidades diante da comunidade; e por último a heterogeneidade, que seria o respeito às diferenças, fazendo com que a diversidade apareça nos livros didáticos. A utilização desses parâmetros torna possível a

elaboração de um livro didático que contemple todas as áreas necessárias para que o mesmo se torne recomendado para escolas.

Agora, faremos uma breve análise da história do PNLD. Segundo Batista (2003, p. 25),

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) é uma iniciativa do Ministério da Educação (MEC). Seus objetivos básicos são a aquisição e a distribuição, universal e gratuita, de livros didáticos para os alunos das escolas públicas do ensino fundamental brasileiro. Realiza-se por meio do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), autarquia federal vinculada ao MEC e responsável pela captação de recursos para o financiamento de programas voltados para o ensino fundamental.

Ainda de acordo com Batista (2003), ao longo dos anos, o PNLD vem sofrendo alterações que visam melhorar todos os fatores que têm relação com o livro didático, como, por exemplo, a partir do ano de 1985, adotar livros reutilizáveis, fazer com que os professores façam parte da escolha dos livros, e a aquisição dos mesmos através de recursos do Governo Federal. Até 1996 o envolvimento do MEC com o livro didático se restringia a sua aquisição e distribuição gratuita. A partir desse ano, o MEC começa a participar ativamente no processo de desenvolvimento e execução de medidas para avaliar sistematicamente e continuamente o livro didático no que diz respeito às suas funções, qualidades e características. Com isso, o Ministério formou comissões por área de conhecimento para participarem das avaliações dos livros didáticos, que passaram a ter critérios comuns de análise e também se definiram alguns critérios eliminatórios, e, a partir disso, os livros passaram a ser classificados em quatro grandes categorias: excluídos, não recomendados, recomendados com ressalvas e recomendados. Em 1997 cria-se uma nova categoria: recomendados com distinção, e em 1999 elimina-se a categoria não recomendados. Aqui citamos apenas algumas mudanças que foram ocorrendo no decorrer dos anos, mudanças essas que seguem ocorrendo até os dias atuais.

Já se sabe que, a partir de 1996, quando o MEC começa a participar mais ativamente do desenvolvimento e execução do material, os livros didáticos avançaram muito no que diz respeito à qualidade. Entretanto, ainda existe uma problemática muito grande quando se trata da variação linguística. Um dado importante que devemos ressaltar é apresentado por González (2015, p. 225) quando ele diz que:

observa-se uma tendência entre os livros didáticos a tratar a variação linguística como conteúdo de ensino, do mesmo modo como eles vêm tratando a outros temas da educação linguística.

Em pesquisa realizada com os onze livros didáticos aprovados pelo PNLD no ano de 2009, é possível verificar, segundo González (2015), que os dois mais adotados são os que menos capítulos destinam à variação linguística, enquanto os dois menos adotados são os que mais destinam capítulos à variação linguística. Podemos verificar isso na fala de González (2015, p. 226) sobre o assunto:

os livros mais adotados são os que trabalham a variação linguística de modo mais estereotipado e anedótico, contribuindo para a manutenção do discurso sobre o certo e o errado em língua. Os livros menos adotados, por sua vez, são os que trabalham com a variação linguística de modo mais amplo e qualificado, não perdendo oportunidades de trabalhar a variação.

Ainda considerando a fala de González (2015), é possível verificar que existe certo receio por parte dos professores em trabalhar variação linguística, pois desafia-o a trabalhar com a heterogeneidade e conseqüentemente com a incerteza. Todas essas questões são importantes para entendermos que variação linguística vai muito além de um conteúdo de ensino, tem a ver com identidade, com sociedade, e, para que a mesma seja tratada de maneira apropriada, é necessário maior empenho, principalmente dos professores, em buscar melhor formação para trabalhar o assunto de maneira mais abrangente e cuidadosa. Como afirma Dionísio (2005), “Mencionar a existência das variedades linguísticas não é sinônimo de respeitá-las” (p. 78).

Outra questão pertinente que encontramos nos livros didáticos é a respeito do tratamento das variedades linguísticas. Segundo Bagno (2007, p. 120),

um dos principais problemas que encontramos nos livros didáticos é uma tendência a tratar da variação linguística em geral como sinônimo de variedades regionais, rurais ou de pessoas não escolarizadas. Parece estar por trás dessa tendência a suposição (falsa) de que os falantes urbanos e escolarizados usam a língua de um modo mais ‘correto’, mais próximo do padrão, e que no uso que eles fazem não existe variação.

Bagno (2007) diz que não são apenas falantes das zonas rurais que utilizam de variedades não padrão, que isso também acontece entre falantes de zonas urbanas e letrados, principalmente em situações não monitoradas. Para deixar mais claro seu ponto de vista, Bagno (2007) apresenta o exemplo de uma tirinha de Chico Bento, onde a fala de Zé Lelé é descrita da seguinte forma: “sorriam qui eu vô tirá o retrato” (p. 120). Bagno (2007) explica que o *qui*, o *vô* e o *tirá* são escritos dessa forma na tentativa de reproduzir a fala “caipira”, porém, em situações não monitoradas de fala, todos os falantes do português brasileiro falam do mesmo modo: o “QUE é pronunciado [ki] porque a redução da vogal átona final E em [i] é uma regra categórica da nossa língua” (p.121); em *vô* “a pronúncia [o] do ditongo gráfico OU também é categórica no português brasileiro” (p. 121); e em *tirá* o mesmo se repete, existe “a eliminação do R final dos infinitivos” (p. 121).

Sobre essas questões, também temos as conclusões a que Lima (2014) chegou com seu estudo sobre os livros didáticos. O autor analisou livros didáticos de 6º ano de ensino fundamental e livros de séries iniciais do ensino médio, para conseguir responder quatro questões norteadoras que elaborou para seu estudo. São elas: (a) “a variação linguística é uma constante na obra ou aparece de forma pontual, isolada?” (p. 123); (b) “a terminologia utilizada pelo livro se adequa aos padrões científicos ao mesmo tempo que é acessível ao aluno?” (p. 123); (c) “há a utilização de gêneros textuais que sejam representativos das variantes linguísticas abordadas, em situações reais de uso?” (p. 123); (d) “os fenômenos abordados estão coerentes com a realidade linguística do PB” (p. 123). Em resposta a seus questionamentos, Lima (2014) chegou às seguintes conclusões: para a questão (a) concluiu que a variação linguística não é uma constante nas obras, aparecendo de forma isolada, apenas em um capítulo destinado a ela; para a questão (b) o autor concluiu que os livros apresentam explicações sobre os termos científicos utilizados mas que isso não é suficiente para o entendimento do aluno; em resposta à questão (c) encontrou nos livros de ensino médio “a utilização de gêneros” (p. 127) que representam algumas variedades, como, por exemplo, uma entrevista do Projeto Nurc; e em resposta à questão (d) Lima (2014) diz que os fenômenos variáveis do português brasileiro só são abordados nos capítulos destinados à variação linguística.

Lima (2014) diz que houve avanços no que diz respeito à variação linguística dentro do livro didático, porém ainda existem muitas problemáticas existentes em torno

do tema. Uma delas é a “superficialidade com que os livros didáticos cumprem a exigência de incluir a variação linguística em seu conteúdo.” (p. 128). Lima (2014) entende que, mesmo que se tenha avançado, uma grande parte dos livros didáticos só trabalha com variação linguística para cumprir as exigências do PNLD e faz isso de maneira superficial. Outra problemática ainda existente no tema é o preconceito linguístico. Ainda considerando o estudo realizado por Lima (2014), podemos verificar que, mesmo sendo exigência do PNLD para que não exista nenhum tipo de preconceito linguístico com falantes de variedades não padrão, isso ainda continua acontecendo. Concluindo seu estudo, Lima (2014) diz que deve existir uma maior preocupação e cuidado na hora de elaborar o livro didático e que, se houvesse “o reconhecimento da legitimidade da norma não padrão” (p. 131), esses avanços seriam muito mais visíveis e satisfatórios.

2.4 Reescrita

Quando o assunto é variação linguística e exercícios de reescrita, algumas vezes nos deparamos com exercícios em livros didáticos que pedem a seguinte tarefa: passe para a norma culta/padrão. Se a língua é constituída de muitas variedades, que não levam em consideração apenas aspectos gramaticais, mas também aspectos sociais, não seria inapropriado sugerir esse tipo de atividade aos alunos, que simplesmente ignora toda a sua bagagem social e o faz pensar que a forma como ele fala e escreve é errada? Para reforçar essa ideia, citamos Bagno (2007, p. 123), que diz que:

A atividade que manda “passar para a norma culta” acaba se revelando, no fundo, tão preconceituosa quanto a atitude de discriminar o Chico Bento por “falar errado”. Porque se, num primeiro momento, ocorre o reconhecimento da diferença, num segundo momento, quando se pede a reescrita “segundo a norma culta”, essa diferença é transformada em deficiência, em algo que pode e deve ser “corrigido”, e as formas consagradas pela gramática normativa é que terminam sendo enfatizadas como as que “valem” de verdade.

É importante salientar que o trabalho de reescrita é deveras importante, mas tem que ser trabalhado de forma apropriada, não como forma de correção, e sim para que o aluno consiga verificar as variedades, e saber como e quando usar uma ou outra. Apropriando-nos da fala de Bagno (2007), “O mais importante de tudo é preservar, no

ambiente escolar, o respeito pelas diferenças linguísticas, insistir que elas não são ‘erros’ e até mesmo tentar, na medida do possível, mostrar a lógica linguística delas” (p. 125). E muitas vezes esse “respeito” não existe. Como é possível verificarmos na leitura de Antunes (2007, p. 109):

Assim, que saibamos trazer Chico Bento, Luís Gonzaga ou Patativa do Assaré, não para corrigi-los, não para apagar suas diferenças de expressão, mas para usufruir de suas criações, enriquecer nosso convívio, completar nosso encantamento. Deixemos que eles falem exatamente como falam, que é parte do que eles *são*.

É preciso que exercícios de reescrita tenham lógica e façam o aluno entender o contexto em que o texto foi escrito, refletir sobre a variedade usada, conhecer o gênero ao qual pertence a escrita, para aí então ser pedida uma reescrita. Como nos diz Dionisio (2005): “seria mais eficaz se ao invés da simples reescritura na norma padrão, fosse apresentada ao aluno uma situação em que ele pudesse confrontar as formas do padrão com as formas do não-padrão” (p. 83). Para isso, Dionisio (2005) nos traz um exemplo em seu texto: apresenta-nos um cordel e, como proposta de atividade, pede para que o aluno escreva uma notícia a partir desse cordel. Dessa forma, o aluno usará a forma culta para a escrita desse novo gênero, e o cordel continuará sendo o cordel. Ressaltamos que, neste trabalho, os exercícios que pedirem para passar de um gênero para outro também serão interpretados como um tipo de reescrita, apoiando-nos no trabalho de Dionisio (2005).

Ainda analisando o que diz Dionisio (2005), podemos verificar que pedir reescrita de textos com o único intuito de passar para a norma culta/padrão, cultivando a cultura de “certo” e “errado”, pode levar o aluno a criar “situações irreais de uso” (p. 84) como, por exemplo, num exercício em que se pede para passar para a norma padrão/culta, pedir que haja a substituição do verbo *ter* (variedade da língua portuguesa falada no Brasil) por *haver* ou *existir* (variedade da língua portuguesa falada em Portugal) e o aluno reescrever da seguinte maneira: “A menina há uma boneca” (p. 84).

Para evitar esse equívoco e muitos outros, é preciso trabalhar exercícios de reescrita da maneira apropriada. Fazer com que o aluno entenda o contexto e reflita sobre as variedades que foram usadas em determinado texto é essencial para a quebra de preconceitos linguísticos e para agregar cada vez mais conhecimento ao aluno no que

diz respeito à variação linguística, ampliando, desta forma, sua competência comunicativa.

3 METODOLOGIA

Para iniciarmos a nossa pesquisa, primeiramente selecionamos a série escolar em que foi baseado nosso trabalho. Os livros didáticos pesquisados são de sétimo ano (antiga sexta série), pois acredita-se, através de experiências próprias vividas em sala de aula, que é nesse período que exercícios de reescrita do teor da pesquisa são mais usados nos livros didáticos. Para obtermos os livros necessários para a realização do projeto, fomos até duas escolas da cidade de Bagé – RS e também pesquisamos o acervo de livros para doação da Biblioteca Pública da cidade. Dentre os livros encontrados, os que atendiam os critérios de seleção foram:

- *Linguagens no século XXI*, de Heloísa Harue Takazaki, ano de publicação: 2002, referente ao PNLD 2005;
- *Português para todos*, de Ernani Terra e Floriana Cavallette, ano de publicação: 2002, referente ao PNLD 2008, 2009 e 2010;
- *Vontade de saber português*, de Rosemeire Aparecida Alves Tavares e Tatiane Brugnerotto, ano de publicação: 2012, referente ao PNLD 2014, 2015 e 2016;
- *Tecendo linguagens*⁴, de Tania Amaral Oliveira, Elizabeth Gavioli de Oliveira Silva, Cícero de Oliveira Silva e Lucy Aparecida Melo Araújo, ano de publicação: 2012, referente ao PNLD 2014.

Para nossa pesquisa foi considerada a data de publicação dos livros, tendo em vista que entre os dois livros mais antigos e os dois livros mais atuais existe uma distância de dez anos. Após termos o material necessário, começamos o trabalho de campo.

Como proposta de trabalho, nossa pesquisa pretende responder três perguntas⁵, que são:

- (A) os livros didáticos apresentam exercícios de reescrita e como se dá a abordagem dos mesmos?
- (B) entre os livros didáticos analisados houve alguma mudança de um período (2002) para o outro (2012) no que diz respeito aos exercícios de reescrita?
- (C) de que maneira é possível abordar a temática da reescrita para que haja a quebra de preconceitos linguísticos?

⁴ Doravante chamados de (1), (2), (3) e (4), respectivamente.

⁵ Como norteador para a formulação dessas perguntas, nos baseamos no trabalho de Lima (2014), já citado anteriormente neste trabalho.

Tendo como base de pesquisa estas três perguntas, examinamos atentamente o conteúdo de cada livro didático na íntegra para iniciarmos o trabalho de análise.

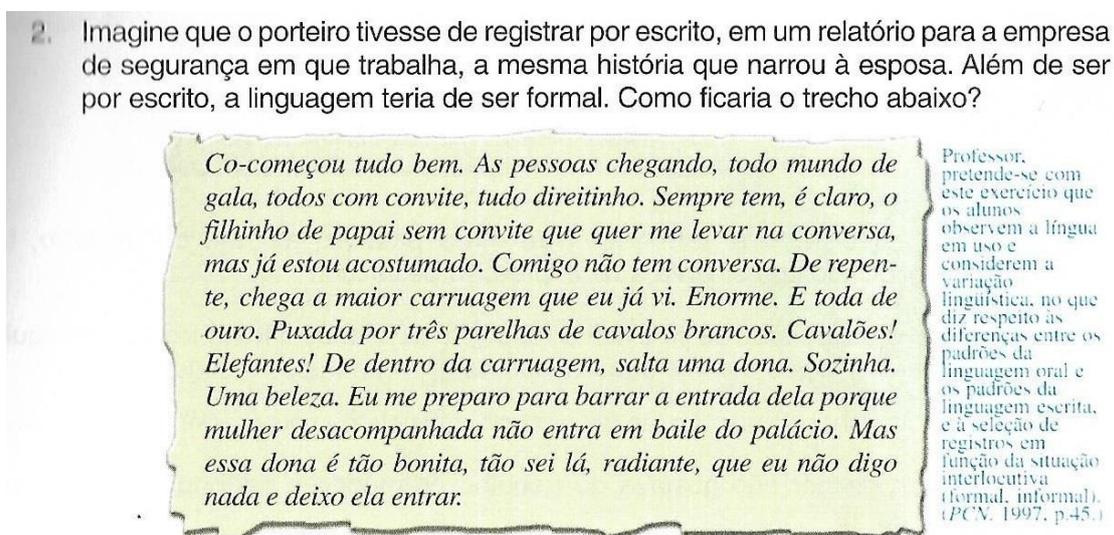
4 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Elaboramos três perguntas que norteiam todo o nosso trabalho de campo, e para que essas perguntas pudessem ser respondidas, selecionamos quatro livros didáticos a serem analisados: (1) *Linguagens no século XXI*; (2) *Português para todos*; (3) *Vontade de saber português*; (4) *Tecendo linguagens*. Sendo (1) e (2) publicados em 2002 e (3) e (4) publicados em 2012. Após a seleção, fizemos a leitura de todo conteúdo neles contido.

Logo de início já é possível verificarmos que tanto os livros mais antigos quanto os livros mais atuais que fazem parte da nossa pesquisa trabalham a variação linguística de forma mais abrangente, não destinando apenas um capítulo para o assunto e fazendo com que professores e alunos reflitam sobre os usos das variedades, como é possível verificarmos nos seguintes trechos do livro (1).

Imagem 2: Exemplo de uma forma de tratamento da variação linguística apresentada no livro didático

2. Imagine que o porteiro tivesse de registrar por escrito, em um relatório para a empresa de segurança em que trabalha, a mesma história que narrou à esposa. Além de ser por escrito, a linguagem teria de ser formal. Como ficaria o trecho abaixo?



Co-começou tudo bem. As pessoas chegando, todo mundo de gala, todos com convite, tudo direitinho. Sempre tem, é claro, o filhinho de papai sem convite que quer me levar na conversa, mas já estou acostumado. Comigo não tem conversa. De repente, chega a maior carruagem que eu já vi. Enorme. E toda de ouro. Puxada por três parelhas de cavalos brancos. Cavalões! Elefantes! De dentro da carruagem, salta uma dona. Sozinha. Uma beleza. Eu me preparo para barrar a entrada dela porque mulher desacompanhada não entra em baile do palácio. Mas essa dona é tão bonita, tão sei lá, radiante, que eu não digo nada e deixo ela entrar.

Professor, pretende-se com este exercício que os alunos observem a língua em uso e considerem a variação linguística, no que diz respeito às diferenças entre os padrões da linguagem oral e os padrões da linguagem escrita, e à seleção de registros em função da situação interlocutiva (formal, informal). (PCN, 1997, p.45.)

Fonte: TAKAZAKI (2002, p. 77).

No exercício, existe a seguinte orientação dada ao professor: “*Professor, pretende-se com este exercício que os alunos observem a língua em uso e considerem a variação linguística, no que diz respeito às diferenças entre os padrões da linguagem oral e os padrões da linguagem escrita, e à seleção de registros em função da situação*”

*interlocutiva (formal, informal). (PCN. 1997, p.45.)*⁶. É possível verificarmos que são fornecidas dicas de como o professor deve conduzir a discussão e execução da atividade com seus alunos, o que facilita a compreensão do uso de variedades, assim como o entendimento da atividade em si.

Também já podemos afirmar aqui que os quatro livros contêm algum tipo de exercício de reescrita, mas nenhum deles contempla o formato de exercício que esperávamos encontrar. É importante salientarmos que, no presente trabalho, quando nos referimos a exercícios de reescrita que pedem para que o aluno passe para a norma padrão/culta, nos referimos a exercícios do formato da Imagem 1.

Após essa análise geral, voltemos às perguntas que norteiam nosso trabalho de pesquisa, que serão novamente mencionadas no presente trabalho:

- (A) os livros didáticos apresentam exercícios de reescrita e como se dá a abordagem dos mesmos?

- (B) entre os livros didáticos analisados houve alguma mudança de um período (2002) para o outro (2012) no que diz respeito aos exercícios de reescrita?

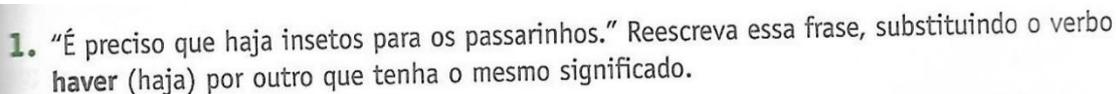
- (C) de que maneira é possível abordar a temática da reescrita para que haja a quebra de preconceitos linguísticos?

Passemos agora para as respostas encontradas para a primeira questão: (A) os livros didáticos apresentam exercícios de reescrita e como se dá a abordagem dos mesmos?

Após a leitura atenta e minuciosa dos livros, a resposta a que chegamos para essa pergunta é que todos os livros apresentam exercícios de reescrita, embora eles tenham uma natureza diferente daquela que supúnhamos encontrar, como podemos constatar com os quatro exemplos abaixo.

⁶ Todos os exemplos que contiverem orientações ao professor que forem utilizados em nossa análise serão transcritos no trabalho a fim de melhor entendimento, pois apenas a digitalização não mostra com clareza o conteúdo.

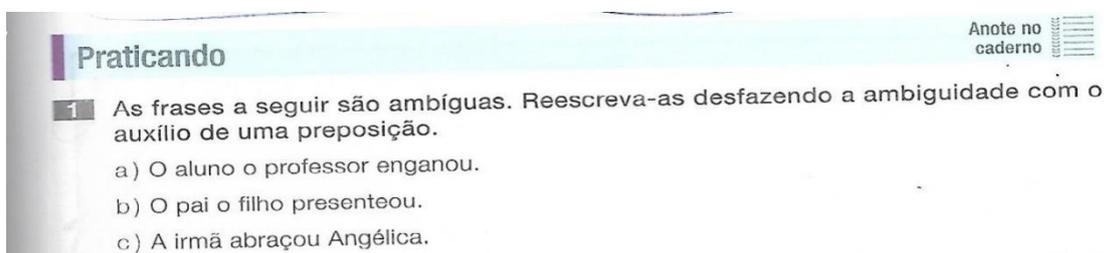
Imagem 4: Exemplo de exercício de reescrita do livro (2)

- 
1. “É preciso que haja insetos para os passarinhos.” Reescreva essa frase, substituindo o verbo **haver** (haja) por outro que tenha o mesmo significado.

Fonte: TERRA; CAVALLETE (2002, p. 105)

Na imagem 4 conseguimos verificar um tipo de exercício de reescrita que foi recorrente nos quatro livros analisados: o de reescrever substituindo uma palavra por outra de mesmo sentido. É possível perceber a variação linguística no momento em que o exercício mostra que existem muitas possibilidades de se dizer a mesma coisa de maneiras diferentes. Podemos entender que esses exercícios são pedidos na intenção de aumentar o vocabulário do aluno, porém, nesses casos, é preciso que o livro apresente uma discussão pertinente sobre como devemos fazer essas mudanças. Quando essas palavras são verbos, por exemplo, o livro precisa fazer uma reflexão sobre os contextos de uso de cada um desses verbos. Porém essas discussões não foram encontradas. Se o livro apresentasse essas explicações seria possível frisar a ideia de que, sempre que houver a substituição de uma palavra por outra, a frase não pode perder o seu sentido, para que não aconteçam erros por parte dos alunos como os destacados por Dionisio (2005), já comentados anteriormente nesse trabalho, podendo acontecer a substituição de termos de mesmo sentido, mas que acabam por caracterizar situações irreais de uso, como no exemplo “A menina há uma boneca” (p. 84), onde houve a substituição do verbo *ter* por *haver*.

Imagem 5: Exemplo de exercício de reescrita do livro (3)



Praticando Anote no caderno

1 As frases a seguir são ambíguas. Reescreva-as desfazendo a ambiguidade com o auxílio de uma preposição.

- a) O aluno o professor enganou.
- b) O pai o filho presenteou.
- c) A irmã abraçou Angélica.

Fonte: ALVES; BRUGNEROTTO (2012, p. 63)

No exemplo expresso pela imagem 5, conseguimos visualizar um exercício de reescrita que pede para que o aluno desfaça a ambiguidade existente na frase utilizando

uma preposição. Tal exercício foi apresentado no capítulo que explicava sobre a transitividade dos verbos, logo podemos entender que o mesmo desempenha a função de fixar o conteúdo exposto. Costumamos utilizar frases ambíguas tanto na fala quanto na escrita para marcar quem faz e quem recebe a ação dentro da frase, como no exemplo “o pai o filho presenteou”.

Imagem 6: Exemplo de exercício de reescrita do livro (4)

The image shows a worksheet with the following content:

- Localize o sujeito das seguintes orações.
 - a) Arthur Conan Doyle nasceu em 1859, em Edimburgo, na Escócia. *Arthur Conan Doyle*
 - b) Em 1887, o médico escreveu um romance policial. *O médico*
 - c) Surgiu então o detetive Sherlock Holmes. *O detetive Sherlock Holmes*
 - d) De 1891 a 1927, Sherlock Holmes apareceu em dezenas de contos. *Sherlock Holmes*
 - e) Muitos leitores acreditavam na sua existência. *Muitos leitores*
- 2. Nem sempre o sujeito aparece no início da oração. Copie as orações do exercício anterior que comprovam essa afirmativa.
Em 1887, o médico escreveu um romance policial. Surgiu então o detetive Sherlock Holmes. De 1891 a 1927, Sherlock Holmes apareceu em dezenas de contos.
- 3. Como ficariam as frases, que você copiou no caderno, se elas começassem com o sujeito? Reescreva-as em seu caderno.
Possibilidade: O médico escreveu um romance policial em 1887. O detetive Sherlock Holmes surgiu então. Sherlock Holmes apareceu em dezenas de contos de 1891 a 1927. Professor, mostre aos alunos outras possibilidades de reorganização dos termos na oração. Seria interessante anotar no quadro as reescritas propostas pelos alunos.

Fonte: OLIVEIRA; SILVA; SILVA; ARAÚJO (2012, p. 199)

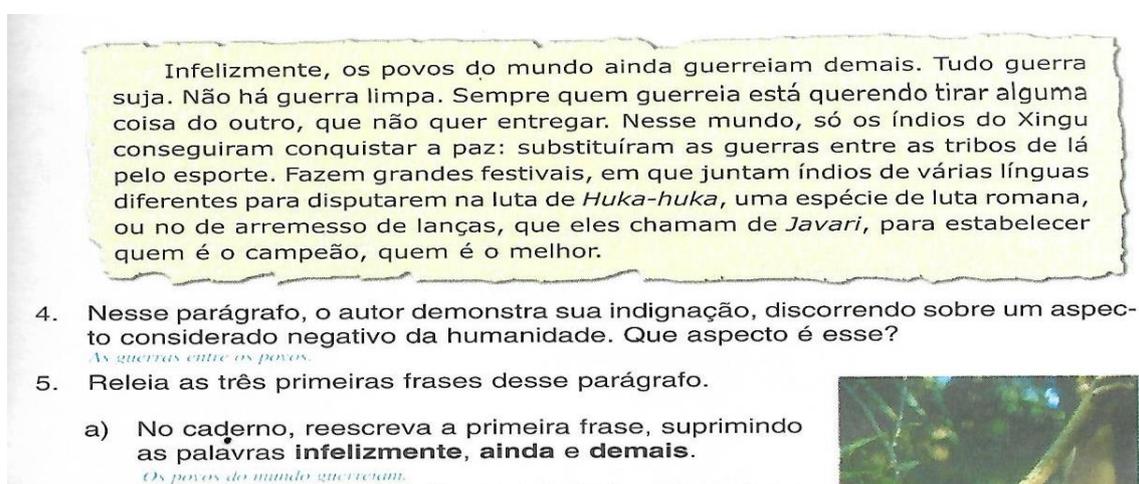
No exemplo da imagem 6, verificamos um exercício de reescrita pedindo para que se mude a posição do sujeito na frase. Tal exercício ajuda o aluno a identificar os elementos dentro da oração e fazer sua reescrita sem que a mesma perca seu sentido. Assim como na imagem 4, aqui também conseguimos verificar que é possível dizermos a mesma coisa de diversas formas.

É preciso salientar que encontramos diversos tipos de exercícios de reescrita em diversos momentos dos quatro livros, e que os apresentados anteriormente serviram para exemplificar alguns dos que encontramos. Durante a leitura dos livros, encontramos diversos exercícios de reescrita, porém nenhum deles se enquadrava no modelo de exercício que prevíamos encontrar. Conseguimos perceber que os exercícios apresentados, na maioria das vezes, fazem com que o aluno tenha que recorrer a outros meios, inclusive a conhecimentos prévios sobre determinado assunto, para a resolução dos mesmos, e é indispensável a colaboração do professor nesse momento, retomando o que nos diz Cyranka (2015) sobre o professor servir como mediador nas atividades que desenvolvem as capacidades cognitivas dos alunos.

Neste momento, passemos a responder a segunda pergunta da nossa pesquisa: (B) entre os livros didáticos analisados houve alguma mudança de um período (2002) para o outro (2012) no que diz respeito aos exercícios de reescrita?

No decorrer das leituras, não foi possível verificar avanços em relação aos exercícios de reescrita entre os livros mais antigos e os livros mais novos. Nos livros (1) e (2), os mais antigos, é possível verificar na maioria dos exercícios de reescrita que a atividade consiste em apenas trocar um termo por outro equivalente ou simplesmente suprimir palavras como verificamos nos exemplos abaixo.

Imagem 7: Exemplo de exercício recorrente no livro (1)



Infelizmente, os povos do mundo ainda guerreiam demais. Tudo guerra suja. Não há guerra limpa. Sempre quem guerreia está querendo tirar alguma coisa do outro, que não quer entregar. Nesse mundo, só os índios do Xingu conseguiram conquistar a paz: substituíram as guerras entre as tribos de lá pelo esporte. Fazem grandes festivais, em que juntam índios de várias línguas diferentes para disputarem na luta de *Huka-huka*, uma espécie de luta romana, ou no de arremesso de lanças, que eles chamam de *Javari*, para estabelecer quem é o campeão, quem é o melhor.

4. Nesse parágrafo, o autor demonstra sua indignação, discorrendo sobre um aspecto considerado negativo da humanidade. Que aspecto é esse?
As guerras entre os povos.

5. Releia as três primeiras frases desse parágrafo.

a) No caderno, reescreva a primeira frase, suprimindo as palavras **infelizmente**, **ainda** e **demais**.
Os povos do mundo guerreiam.



Fonte: TAKAZAKI (2002, p. 29)

Imagem 8: Exemplo de exercício recorrente no livro (2)

1. "Foi a coisa mais bacana a primeira vez que as formigas conversaram com ele. Foi a que escapuliu da procissão que conversou."
a) Reescreva a frase em seu caderno substituindo o terceiro a por outra palavra, sem modificar o sentido.

Fonte: TERRA; CAVALLETE (2002, p. 54)

Como é possível observar, nos dois exercícios apresentados, o trabalho de reescrita tem o único objetivo de trocar um termo pelo outro, ou simplesmente suprimir palavras das orações, sem um objetivo aparente. Isso mostra que, mesmo já havendo alguns avanços positivos, ainda é possível verificarmos certa superficialidade, citada por Lima (2014), na hora da elaboração de exercícios.

É preciso deixar claro que ambos os livros contêm outros tipos de exercícios de reescrita, mas os mais encontrados foram nesses moldes exemplificados.

Nos livros (3) e (4), os mais atuais, percebemos que os exercícios consistem basicamente na mesma proposta dos livros (1) e (2), de trocar um termo por outro ou inverter a posição das orações, como é possível verificarmos nas imagens abaixo.

Imagem 9: Exemplo de exercício do livro (3)

- 2** Reescreva as frases a seguir, usando pronomes pessoais oblíquos para substituir os objetos diretos destacados nas orações. Faça as adaptações dos pronomes oblíquos de acordo com as regras que você estudou.
- a) Ela olhou para a lua e viu **a lua** tão linda e brilhante, iluminando o céu.
 - b) O pássaro bateu as asas até não mais sentir **as asas**.
 - c) As lágrimas escorreram de seus olhos e deixaram **os olhos** vermelhos e inchados.
 - d) Ouvi uma história tão arrepiante, que não contei **a história** para ninguém.
 - e) Ouvi falar de seres que assustam as pessoas, deixando **as pessoas** apavoradas.

Fonte: ALVES; BRUGNEROTTO (2012, p. 208)

Imagem 10: Exemplo de exercício do livro (4)

- 4.** Reescreva as frases a seguir propondo uma nova organização. Para isso, desloque as expressões destacadas para outros lugares na frase. Lembre-se de que as frases têm de continuar fazendo sentido.
- a) "T'ô voltava da escola lá pelas duas horas. A mãe lhe servia o almoço. **Às quatro**, o pai aparecia com um carregamento de lenha nas costas."
Possibilidades: O pai aparecia, às quatro, com um carregamento de lenha nas costas. O pai aparecia com um carregamento de lenha nas costas às quatro.
 - b) "**Debaixo do braço**, carregava uma pasta de madeira que continha seu caderno, sua caneta, lápis e borracha e uma flauta de bambu que ela mesma tinha feito, ajudada pelo pai."
Possibilidades: Carregava debaixo do braço uma pasta de madeira que continha seu caderno, sua caneta, lápis e borracha e uma flauta de bambu que ela mesma tinha feito, ajudada pelo pai.
 - c) "Foi então que o pai de T'ô morreu. Ele tinha sido obrigado a partir para a guerra. Esteve soldado durante menos de um ano **antes de ser morto**."
Possibilidade: Antes de ser morto, esteve soldado durante menos de um ano.
 - d) "T'ô só se lembra claramente dos traços da mãe, porque **cada noite, antes de dormir**, levanta a mão e toca seu rosto."
Possibilidade: Cada noite, antes de dormir, T'ô se lembra claramente dos traços da mãe porque levanta a mão e toca seu rosto.

Fonte: OLIVEIRA; SILVA; SILVA; ARAÚJO (2012, p. 52)

Nos dois exemplos mostrados, referentes aos livros mais atuais, conseguimos perceber que, mesmo que os cabeçalhos das atividades pareçam ser mais complexos, utilizando termos diferentes dos vistos nos livros (1) e (2), as atividades consistem no mesmo objetivo. Contudo, se observarmos os quatro exercícios, conseguimos verificar que todos estão ligados à variação, fazendo o aluno perceber as diversas formas

possíveis de fala e escrita (embora essas formas sejam apenas previstas na norma culta, não havendo espaço para uma discussão dos usos das outras normas da língua), e também abrindo espaço para discussões em sala de aula sobre quais formas costumam ser mais usadas em determinadas situações. É preciso salientar aqui que, mesmo os livros abordando a variação e trazendo esses exercícios, não é feita uma discussão sobre os usos dessas variedades. Por exemplo, com relação ao exercício da Imagem 9, não é discutido quando, como e por que é preciso substituir um termo repetido por um pronome oblíquo, desconsiderando questões essenciais como o gênero produzido, o interlocutor do texto e as intencionalidades de quem o produziu. Isto reafirma a fala de Lima (2014) quando diz sobre a superficialidade dada ao tratamento da variação linguística.

Todavia, durante a leitura dos livros, conseguimos perceber avanços nos livros mais atuais no que diz respeito a atividades de produção textual. Ao final de cada unidade, é pedido que o aluno faça uma produção textual, e o livro traz as informações necessárias para a elaboração da mesma, como pode ser visto a seguir.

Imagem 11: Produção textual do livro (3)

Produzindo o texto

Depois de tudo planejado, produza a crônica.

- a) Escolha se você vai expor sua história utilizando o discurso direto ou indireto.
- b) Foque em uma situação da notícia para servir de mote para sua crônica, lembrando-se de que você não vai apenas recontar a notícia, mas desenvolver uma história a partir dela.
- c) Você poderá empregar comparações inusitadas, a fim de deixar seu texto mais atrativo.
- d) Produza um texto relativamente curto.
- e) Faça o texto em um rascunho. Depois, revise-o e verifique se você seguiu todas as orientações.

Faça as alterações necessárias e passe a crônica a limpo. Crie uma ilustração para ela, assinhe-a e entregue-a ao professor. Ele vai ajudar a turma na montagem do **Livro de crônicas**.

Fonte: ALVES; BRUGNEROTTO (2012, p. 68)

Imagem 12: Produção textual do livro (4)

Produção de texto

Você e seus colegas vão montar um jornal escolar com reportagens produzidas pelos alunos de sua turma. Para isso, vocês vão formar duplas e coletar informações para escrever a reportagem. O texto pode partir de um tema atual, que julguem interessante ao público de sua escola, ou pode estar relacionado ao tema da reportagem lida: "bullying e cyber-bullying".

Com as reportagens reunidas, sob as orientações do professor, montem um jornal escolar da turma. Para isso, leiam e desenvolvam as etapas da atividade na seção Projetos em ação.

O jornal pode circular entre classes para ser lido por alunos de outras turmas do 7º ano. Depois dessa troca de jornais entre turmas terminar, eles podem ser deixados na sala dos professores por uma semana e, por fim, os exemplares poderão ser levados à biblioteca para leitura de outros alunos.

Planeje seu texto

Copie no caderno os itens do quadro e responda a cada um deles como modo de planejamento. Amplie o número de itens se precisar. Verifique se cumpriu o planejado na hora de avaliar o texto.

Para escrever a reportagem	
1. Qual é o público leitor do texto?	Leitores do jornal: alunos e professores.
2. Que linguagem vou empregar?	Linguagem semelhante à da reportagem lida neste capítulo, que tende à informalidade.
3. Qual é a estrutura que o texto vai ter?	Caso o aluno siga o modelo sugerido, a estrutura que predomina no texto é a organização em parágrafos e as falas de entrevistados entre aspas.
4. Onde o texto vai circular?	Entre classes, na sala dos professores e na biblioteca da escola (ou do bairro, cidade).

Fonte: OLIVEIRA; SILVA; SILVA; ARAÚJO (2012, p. 226)

É importante salientarmos aqui que, durante cada unidade, é trabalhada uma tipologia e um gênero textual, e, ao final dessa unidade, pede-se a produção textual dos alunos. Porém, é possível verificarmos uma diferença entre a atividade do livro (3) e a atividade do livro (4).

Na atividade do livro (4) é pedido para que os alunos produzam um jornal escolar, dando todas as instruções necessárias para isso. É interessante trazer isso à tona, porque conseguimos perceber a preocupação dos autores em mostrar cada etapa de produção, a linguagem que o aluno deve usar em cada ocasião, remetendo-nos à fala de Antunes (2007) quando diz que é importante sabermos apreciar cada fala como ela é. Destacamos aqui que, neste momento, seria possível também que tivessem ocorrido avanços no que diz respeito aos exercícios de reescrita, avanços esses que conseguimos verificar no exercício do livro (3) onde é apresentada uma notícia, e a partir dessa notícia, pede-se que os alunos produzam uma crônica⁷, constituindo assim um exercício de reescrita, remetendo-nos à atividade que Dionísio (2005) propôs ao apresentar um cordel e pedir para que, a partir desse cordel, os alunos produzissem uma notícia, pois

⁷ Destacamos que todas as produções solicitadas neste livro didático preveem interlocutores, pois as mesmas devem, segundo instruções do livro, ser divulgadas no livro de crônicas da escola.

isso faz com que o texto original não deixe de ser o que ele é e faz com que o aluno entenda a importância da variação linguística e valorize cada tipologia e gênero textual.

Outro fato que nos chamou atenção foi uma orientação dada ao professor em um exercício do livro (4) ilustrada a seguir.

Imagem 13: Orientação dada ao professor no livro (4)

1. Leia o quadrinho a seguir e divirta-se.



Zirald. *O menino maluquinho: as melhores tiras*, 1. Porto Alegre: L&PM, 1995.

- a) Que emoção expressa a fala da personagem do primeiro quadrinho?

Expressa surpresa, admiração.

- b) Por que ela teve essa reação? Que ideia a personagem tem sobre o valor que as crianças dão à leitura?

A personagem acha que as crianças dão pouco valor à leitura e por isso fica surpresa ao ver os estudantes lendo livros nas férias. A interlocutora diz que um está na biblioteca porque é japonês, isto é, alguém que é considerado estudioso, que leva os estudos a sério; outro está na biblioteca porque é maluco, e um garoto vai à biblioteca para ter uma atitude diferente de outros de sua idade, porque é "do contra".

2. Você acha que os alunos leem só por obrigação? É possível associar prazer ao ato de ler? Justifique sua opinião. Dê exemplos.

Resposta pessoal. Professor, aproveite este momento para dialogar com os alunos a respeito da relação que eles têm com a leitura.

3. O humor da tira está na resposta da bibliotecária. Entretanto, essa fala expressa um preconceito.

Identifique-o. Professor, chame a atenção para o preconceito revelado na fala da bibliotecária. Popularmente se diz que todo japonês é bom aluno. Questione essa afirmação. Levante outros exemplos de visões estereotipadas. Outra fala preconceituosa é a referência de que o último menino está lá porque é "maluco, mesmo", como se crianças normais não fossem a uma biblioteca nas férias.

Fonte: OLIVEIRA; SILVA; SILVA; ARAÚJO (2012, p. 135)

A orientação do exercício 3 que diz “*Professor, chame a atenção para o preconceito revelado na fala da bibliotecária. Popularmente se diz que todo o japonês é bom aluno. Questione essa afirmação. Levante outros exemplos de visões estereotipadas. Outra fala preconceituosa é a referência de que o último menino está lá porque é “maluco, mesmo”, como se as crianças normais não fossem a uma biblioteca nas férias*” chama a atenção para o preconceito existente no quadrinho, além de pedir para que o professor discuta o assunto em sala de aula, e para que os alunos conversem sobre outros tipos de preconceito. Isso significa um grande avanço nos livros didáticos, pois a partir disso pode-se tratar também a questão do preconceito linguístico. Todavia ainda há um grande percurso a ser trilhado para que haja a quebra de preconceitos

linguísticos tratados pelos PCNs (1998), já comentados anteriormente no presente trabalho.

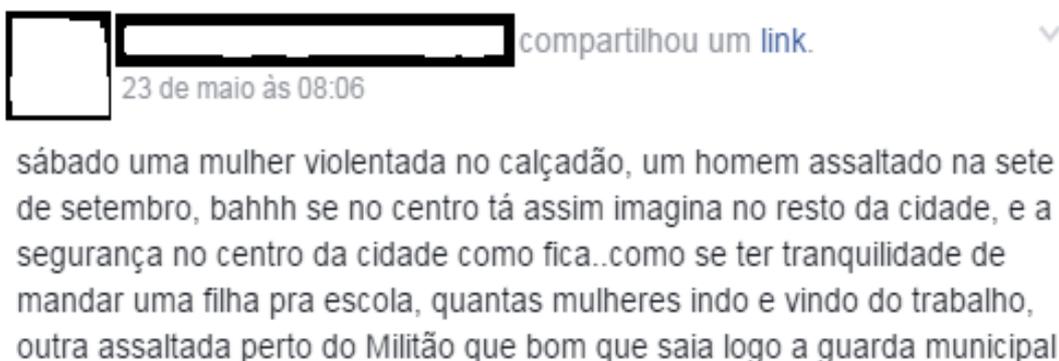
E para que esse percurso seja trilhado, é preciso empenho de todos. Pensando nisso, passemos a responder a terceira pergunta da nossa pesquisa: (C) de que maneira é possível abordar a temática da reescrita para que haja a quebra de preconceitos linguísticos?

Uma das formas de abordagem mais eficazes para a quebra de preconceitos linguísticos, além de incorporar a abordagem do tema em todos os ramos da aprendizagem, fazendo o aluno compreender a dimensão e a importância de se trabalhar algo que já cresce com o ser humano e é lapidado ao decorrer do tempo, seria através de exercícios eficazes, que mostrem as diversas situações de uso em diversos contextos na língua. Para isso, elaboramos uma sugestão de abordagem que abrange a variação linguística, tanto na fala quanto na escrita, baseando-nos no trabalho desenvolvido por Dionísio (2005), já citado anteriormente nessa pesquisa. A sugestão abaixo é um esboço que traz alguns elementos a partir dos quais o professor teria condições de desenvolver uma sequência de atividades aplicáveis em aula.

Imagem 14: Sugestão de abordagem

Observe esse “comentário informativo” retirada de uma rede social:

Imagem 1: Publicação do grupo “Reclame aqui Bagé”



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/reclameaquibage/>

Agora, observe as notícias disponibilizadas no site de um jornal local.

Imagem 2: Primeiro exemplo de notícia de jornal online



Bagé/RS

MIN 9° | 17° MÁX



Previsão: Variação de nebulosidade

Início | Informação ▾ | Opinião ▾

NOTÍCIA

Segurança 22/05/2017

Mulher sofre abuso próximo ao calçadão

Compartilhar 338 | Tweetar | G+1 | 0

Ocorrência registrada às 12h31min de sábado relata que uma mulher que caminhava pela rua Pelotas, uma das travessas localizadas junto ao calçadão, no centro de Bagé, teria sido atacada por um homem.

De acordo com o boletim policial, o acusado derrubou a vítima, a arrastou para o interior do calçadão, onde teria, através da força e sob ameaças, a violentado.

A mulher declarou ter gritado por socorro. Um homem que passava pelas proximidades a socorreu. Consta que o ajudante chegou a derrubar o suspeito com uma rasteira e recuperar um celular que o agressor teria roubado da vítima. Outra testemunha também teria presenciado o fato e prestado auxílio. A versão da mulher foi confirmada pelas testemunhas aos policiais.

A vítima foi encaminhada a exame de lesão corporal. O suspeito foi detido, mas não teve a identidade revelada. O caso será apurado pela Delegacia Especializada no Atendimento à Mulher (Deam).

Fonte: <http://www.jornalfolhadosul.com.br/noticia/2017/05/22/mulher-sofre-abuso-proximo-ao-calca dao>

Imagem 3: Segundo exemplo de notícia de jornal online



Bagé/RS

MIN 9° | 17° MÁX



Previsão: Variação de nebulosidade

Início | Informação ▾ | Opinião ▾

NOTÍCIA

Segurança 22/05/2017

Assalto a pedestre na Sete de Setembro

Compartilhar 16 | Tweetar | G+1 | 0

Um homem que caminhava pela avenida Sete de Setembro, na tarde de sábado, nas proximidades da Catedral de São Sebastião, teria sido abordado e assaltado. O caso foi registrado na Delegacia de Polícia de Pronto-Atendimento (DPPA).

Consta, no boletim de ocorrência, que o acusado teria encostado uma faca no abdômen da vítima e a ameaçado para que entregasse os pertences. O criminoso, então, teria levado o celular do homem. Conforme informações da polícia, o suspeito teria sido identificado posteriormente.

Fonte: <http://www.jornalfolhadosul.com.br/noticia/2017/05/22/assalto-a-pedestre-na-sete-de-setembro>

Conseguimos perceber que as três imagens fazem referência aos mesmos acontecimentos e podem ser encontradas na internet. É possível verificar diferenças na linguagem usada no comentário informativo e nas duas notícias? Que diferenças são essas? Elabore uma notícia jornalística escrita, e, a partir dela, elabore uma notícia televisiva, onde é preciso fazer um roteiro do que será noticiado. A seguir, imagine que você é o âncora do jornal local da sua cidade e precisa noticiar o acontecimento a partir do roteiro que você elaborou. Grave um vídeo dando essa notícia e leve para a sala de aula para ser analisado pelo professor e colegas. Feito isso, responda ao seguinte questionamento: houve diferenças entre a notícia escrita e a notícia falada no que diz respeito à linguagem usada? Que diferenças são essas?

O primeiro texto foi selecionado porque é feito um “comentário informativo” sobre os acontecimentos de maneira informal por um cidadão da cidade que está descontente com a insegurança. Já os outros dois textos foram escolhidos exatamente por se tratarem do mesmo fato comentado pelo cidadão, porém em uma linguagem mais formal, pois está disponível em um jornal online da cidade. Os três textos foram escolhidos por estarem disponíveis num lugar de fácil acesso a todos, que é a internet. A intenção do exercício é fazer com que o aluno perceba as diferenças entre uma linguagem mais formal e uma linguagem menos formal, modalidade escrita e modalidade falada, saiba quando e onde pode-se usar determinada variedade e também perceba que, muitas vezes, mesmo havendo um roteiro escrito do que precisa ser falado, essa fala se distingue por diversos fatores, sejam eles linguísticos ou extralinguísticos. Espera-se que os alunos consigam notar diferentes usos de verbos como “ter”, por exemplo, em “se ter tranquilidade” no “comentário informativo”, “declarou ter gritado” na primeira notícia e “teria sido abordado” na segunda notícia. Também a disposição dos conteúdos no “comentário informativo” e nas notícias, pois conseguimos perceber que as notícias jornalísticas têm o intuito de dar detalhes sobre os acontecimentos de forma impessoal, já o “comentário informativo” do Reclame aqui Bagé tem a intenção de fazer um apelo às autoridades competentes para o aumento da segurança na cidade. Ainda nesse sentido, espera-se também que os alunos percebam o uso de pronomes oblíquos átonos como “a arrastou” na primeira notícia e “a ameaçado” na segunda notícia, que não estão presentes no “comentário informativo”, e expliquem a hipótese do disso acontecer, e também o emprego da modalização entre o “comentário informativo”

e as notícias, pois pode-se verificar diferenças entre a forma “teria sido atacada” na primeira notícia e “uma mulher (foi) violentada” no “comentário informativo”. Espera-se que o aluno perceba os usos de sinais de pontuação ou a falta deles e destaque isso na sua resposta, dizendo, por exemplo, porque o autor do “comentário informativo” do Reclame aqui Bagé utiliza sinais de interrogação e reticências, artifícios não utilizados nas duas notícias jornalísticas, e também perceba a utilização de gírias e expressões que são comuns no discurso falado e escrito informal como, por exemplo, o “bahhh” e o “tá” utilizados pelo cidadão no “comentário informativo”, que devem ser evitados na escrita formal, e na linguagem oral formal, e também notem a presença da forma “pra” no “comentário informativo” e digam como se esperaria a realização dessa forma nos outros dois textos caso ela fosse usada. E acima de tudo, o exercício tem a intenção de demonstrar, a partir de produções próprias, que todos os indivíduos se igualam e se diferenciam entre si quando o tema é linguagem e variação linguística.

É importante salientarmos que é interessante levar em consideração dois contínuos de Bortoni-Ricardo (2004) já citados anteriormente nesse trabalho: o contínuo de monitoração estilística na hora de analisar a gravação da notícia televisiva, pois nesse contínuo encontramos numa ponta as situações não monitoradas de fala e na outra ponta as situações monitoradas de fala. Também podemos levar em consideração o contínuo de oralidade-letramento, para analisarmos as diferenças entre a notícia escrita, a notícia falada, uma notícia escrita que serve de roteiro para uma notícia falada, e uma conversa informal entre amigos sobre a notícia, por exemplo, para que se verifiquem as diferenças existentes em cada uma das situações, já que nesse contínuo encontramos numa ponta as culturas de letramento e na outra ponta as culturas de oralidade.

Concluimos através do trabalho de pesquisa que, nos quatro livros analisados, houve avanços no que diz respeito a exercícios de reescrita, pois não encontramos nenhum exercício nos moldes que esperávamos. A variação linguística não foi tratada com um tema específico em apenas um capítulo destinado a ela, apenas para cumprir as exigências do PNL. Isso significa de modo geral que estamos no caminho certo, porém ainda há avanços que precisam ser trilhados nesse sentido, principalmente no que diz respeito à quebra de preconceitos linguísticos. Uma maneira eficaz de trabalho didático é através da elaboração de exercícios que despertem o interesse do aluno, por mostrarem situações reais de uso.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve por objetivo mostrar como exercícios de reescrita aparecem nos livros didáticos no que diz respeito à variação linguística. Para isso, introduzimos o tema apresentando nossos objetivos, fizemos uma breve análise sobre o que é sociolinguística, dissertamos sobre a pedagogia da variação linguística, fizemos um breve resumo sobre a história do livro didático e também falamos sobre a reescrita. Mostramos a metodologia utilizada para nossa pesquisa, e mostramos os resultados que alcançamos através da nossa análise de dados. É importante salientarmos que o trabalho apresenta algumas limitações e consiste em uma análise breve e de poucos livros pelo fato de termos um tempo exíguo para a execução do mesmo. Por fim, apresentamos uma proposta de sugestão de abordagem que pode ajudar professores e alunos a lidarem melhor com a variação linguística.

Concluimos que existe uma preocupação em tratar a variação linguística como ela merece, porém é preciso muito mais empenho principalmente por parte dos professores para que eles dominem o tema e consigam transmitir esse conhecimento para a sala de aula, sem tratar com diferença o aluno que fala ou escreve de maneira distinta da norma tida como padrão. Podemos verificar também que nossa língua é regida por regras que vão muito além da gramática, que existe um valor social muito grande atribuído às formas de maior prestígio, e talvez por isso ainda existam tantos preconceitos linguísticos em torno da linguagem.

Por fim, com nosso trabalho, conseguimos verificar que alguns avanços já estão acontecendo, mas que ainda há muito a se percorrer nesse longo caminho. Esperamos que nossa pesquisa possa ser desenvolvida posteriormente apresentando, por exemplo, uma tipologia de exercícios de reescrita e também a elaboração de uma proposta de exercício completa, com uma sequência de atividades que possa ser levada para a sala de aula. E que, acima de tudo, que o trabalho consiga ajudar outras pessoas que também se preocupam com o presente e o futuro da nossa linguagem.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática: por um ensino sem pedras no caminho.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes. A avaliação dos livros didáticos: para entender o programa nacional do livro didático (PNLD). In: ROJO, Roxane; BATISTA, Antônio Augusto Gomes (orgs.) **Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura da escrita.** Campinas – SP: Mercado de Letras, 2003. (Coleção As Faces da Linguística Aplicada). p. 25 – 67.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula.** São Paulo: Parábola Editorial, 2004. [Linguagem;4]

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós cheguem na escola, e agora? sociolinguística na sala de aula.** São Paulo: Parábola Editorial, 2005. (Lingua[gem]; 11)

CYRANKA, Lucia F. Mendonça. A pedagogia da variação linguística é possível? In: ZILLES, Ana Maria Stahl; FARACO, Carlos Alberto (orgs.) **Pedagogia da variação linguística.** São Paulo: Parábola, 2015. P. 31 – 51.

CYRANKA, Lucia F. Mendonça. Sociolinguística aplicada à educação. In: MOLLICA, Maria Cecilia; JUNIOR, Celso Ferrarezi (orgs.) **Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução / vários autores.** São Paulo: Editora Contexto, 2016. p. 167 - 176.

DIONISIO, Angela Paiva. Variedades lingüísticas: Avanços e Entraves. In: DIONISIO, Angela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.) – 3ª ed. **O livro didático de Português: múltiplos olhares.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 75 – 88.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

GONZÁLEZ, César Augusto. Variação linguística em livros de português para o EM. In: ZILLES, Ana Maria Stahl; FARACO, Carlos Alberto (orgs.) **Pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2015. p. 225 – 245.

GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl. **Variação linguística e ensino de gramática**. *Working Papers em Linguística*, v. 10, n. 1, p. 73 – 91, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2009v10n1p73>> último acesso em 28 de outubro de 2016.

LIMA, Ricardo Joseh. Variação linguística e os livros didáticos de português. In: MARTINS, Marco Antonio; VIEIRA, Silvia Rodrigues; TAVARES, Maria Alice (orgs.) **Ensino de português e sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 115 – 131.

MOLLICA, Maria Cecilia. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza (orgs.) – 3ª ed., 1ª reimpressão. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 9 – 14.

MONGUILHOTT, Isabel de Oliveira e Silva. **A variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural em Florianópolis**. *Working Papers em Linguística*, v. 16, n. 1, p. 59 – 74, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2015v16n1p59>> último acesso em 01 de junho de 2017.

PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>> último acesso em 14 de outubro de 2016.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa Sociolinguística**. – 8. ed. – São Paulo: Ática, 2007.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

OLIVEIRA, Tania Amaral; SILVA, Elizabeth Gavioli de Oliveira; SILVA, Cícero de Oliveira; ARAÚJO, Lucy Aparecida Melo. **Língua portuguesa**, 7º ano. – 3. ed. – São Paulo: IBEP, 2012. – (Coleção tecendo linguagens)

TAKAZAKI, Heloísa Harue. **Linguagens no Século XXI: língua portuguesa**, 6.^a série; ilustradores Reinaldo Aparecido Rosa, Silmara Simone EGG. – 1. ed. – São Paulo: IBEP, 2002. – (Coleção vitória-régia)

TAVARES, Rosemeire Aparecida Alves; BRUGNEROTTO, Tatiane. **Vontade de saber português**, 7º ano. – 1. ed. – São Paulo: FTD, 2012.

TERRA, Ernani; CAVALLETE, Floriania. **Português para todos**: 6ª série. – São Paulo: Scipione, 2002.